

Oração semanal

(5ª-feira, Páscoa 2)

Serra do Pilar, 7 abril 2016

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. Amén!

P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome;
fica connosco (Lc 24,29)!

R. E desça sobre nós a tua bênção!

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

R. Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!

Leitura dos Atos dos Apóstolos (6, 8-15; 7,1-53)

Cheio de graça e de força,... era impossível [aos judeus] resistir à sabedoria e ao Espírito com que Estêvão falava. Subornaram, então, uns indivíduos, que disseram: *Ouvimo-lo proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus.* ... Prenderam-no depois e levaram-no para o Sinédrio. Aí, apresentaram falsas testemunhas, que declararam: *Este homem não pára de falar contra o Templo e contra a Lei; ouvimo-lo até afirmar que Jesus, o Nazareno, destruiria este lugar e mudaria a Lei que Moisés nos entregou.* Todos os membros do Sinédrio tinham os olhos postos nele e viram que o seu rosto era como o de um Anjo.

Depois, o Sumo-sacerdote perguntou-lhe: *Isto é verdade?* E ele respondeu:

Irmãos e pais, escutai! O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão quando ele estava ainda na Mesopotâmia, antes de se ter estabelecido em Haran, e disse-lhe: «Deixa a tua terra e a tua parentela e vai para a terra que eu te hei-de mostrar». Abandonou então o país dos Caldeus e foi estabelecer-se em Haran. Daí, após a morte do pai, Deus fê-lo emigrar para esta terra que habitais agora. Não lhe deu aí propriedade alguma, nem um palmo de terra sequer, mas prometeu-lhe a posse dela, a ele a à

sua descendência, embora na altura ele não tivesse filho nenhum. E Deus afirmou-lhe que “a sua descendência habitaria em terra estranha, que a reduziriam à escravidão e que seria então maltratada durante quatrocentos anos. Mas o povo de quem fossem escravos ele próprio haveria de julgá-lo. Depois disso, haveriam então de sair desse país e vir prestar-lhe culto nesta mesma terra. Em seguida, deu-lhes a circuncisão como sinal da Aliança”. Por isso, depois do nascimento do seu filho Isaac, Abraão circuncidou-o. E o mesmo fez Isaac a Jacob, e este aos doze patriarcas [seus filhos].

Os patriarcas, invejosos de José (seu irmão), venderam-no [a uns mercadores, que o levaram] para o Egípto. Mas Deus estava com ele e livrou-o de todos os perigos, e ‘deu-lhe graça e sabedoria diante do faraó, rei do Egípto, que o nomeou governador desse país e de toda a sua casa. Veio depois a fome sobre todo o Egípto e sobre Canaã’. A angústia era grande e os nossos pais não tinham nada para comer.

Ouvindo dizer que no Egípto havia trigo, Jacob mandou lá os nossos pais [irmãos de José, a comprá-lo] uma primeira vez. Mas, na segunda vez que o fizeram, José deu-se a conhecer aos irmãos; e a sua origem foi então revelada ao faraó. José mandou então buscar seu pai Jacob e toda a sua parentela, num total de setenta e cinco pessoas.

Jacob desceu então ao Egípto, onde acabaria por morrer, assim como os nossos pais. Os seus corpos foram trasladados para Siquém e depositados no sepulcro que Abraão adquirira, por uma importância em prata, aos filhos de Emor, na dita Siquém.

Enquanto se aproximava o tempo em que deveria realizar-se a promessa feita por Deus a Abraão, o povo cresceu e multiplicou-se no Egípto, até que subiu ao trono um novo rei que não tinha conhecido José. Usando de astúcia para com a nossa raça, perseguiu os nossos pais, ao ponto de os obrigar a declarar os recém-nascidos para lhes tirar a vida.

Foi nessa altura que nasceu Moisés, que era um homem agradável aos olhos de Deus. Foi criado durante três meses em casa de seu pai, mas depois de ser declarado, a filha do faraó recolheu-o e criou-o como se fora seu filho. Moisés foi iniciado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras.

Quando completou os quarenta anos, veio-lhe ao espírito a ideia de visitar os seus irmãos, os filhos de Israel. Ao ver um deles maltratado, tomou a sua defesa e vingou o oprimido, matando o egípcio. Pensava que

os seus irmãos compreenderiam ser Deus quem, por sua mão, lhes trazia a liberdade, mas eles não o compreenderam. No dia seguinte, apareceu a dois deles que lutavam um com o outro e pretendeu reconciliá-los. Disse-lhes: «porque é que, sendo irmãos, vos agredis mutuamente?» Mas o agressor de seu irmão repeliu-o, perguntando: “Quem te nomeou nosso chefe e nosso juiz? Queres matar-me como mataste ontem o egípcio?” A estas palavras, Moisés fugiu e foi habitar, como estrangeiro, para a terra de Madian, onde teve dois filhos.

Ao fim de quarenta anos, ‘apareceu-lhe um Anjo no deserto do monte Sinai, na chama de uma sarça ardente’. Perante essa aparição, Moisés ficou estupefacto e, aproximando-se para observar melhor, fez-se ouvir a voz do Senhor: «Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob». A tremer, Moisés não ousava erguer os olhos. Então, o Senhor disse-lhe: “Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que te encontras é santo. Eu vi a angústia do meu povo no Egito, escutei os seus gemidos e descí para o libertar. E, agora, anda cá que eu vou mandar-te ao Egito”.

Este Moisés que os outros renegaram, dizendo ‘Quem te nomeou chefe e juiz?’ é o mesmo que foi enviado por Deus como chefe e libertador pela mão do Anjo que apareceu na sarça. Foi ele que os fez sair do Egito, realizando prodígios e milagres naquela terra, no Mar Vermelho e no deserto durante quarenta anos. E foi o próprio Moisés que disse aos filhos de Israel: «Deus fará surgir, entre os vossos irmãos, um profeta como eu». Foi ele que, durante a assembleia no deserto, esteve entre o Anjo que lhe falava no Monte Sinai e os nossos pais; e foi ele que recebeu as palavras de vida para no-las transmitir.

Foi a ele que os nossos pais se recusaram a obedecer, antes o repeliram, voltando em seus corações ao Egito e dizendo a Aarão: “Faz-nos deuses que marchem à nossa frente, pois desse Moisés que nos fez sair da terra do Egito não sabemos que é feito dele!” E, nesses dias, construíram um bezerro, ofereceram um sacrifício ao ídolo e festejaram alegremente a obra das suas próprias mãos. Deus afastou-se então deles e deixou-os entregues ao culto dos astros, como está escrito no Livro dos Profetas: ‘Oferecestes-me porventura vítimas e sacrifícios durante quarenta anos no deserto?, ó Casa de Israel! Vós transportastes a tenda de Moloc e a estrela do deus Rafan, imagens que fizestes para as adorar! Por isso vos exilarei para lá da Babilónia!’

Os nossos pais tinham no deserto a Tenda do testemunho, como ordenara aquele que disse a Moisés que a construísse de harmonia com o modelo que ele tinha visto. Foi precisamente essa tenda que os nossos pais receberam e introduziram, sob o comando de José, no território conquistado aos povos que Deus expulsou na sua frente, tenda que se manteve até aos dias de David. Este achou graça diante de Deus, a quem pediu permissão de edificar uma habitação ao Deus de Jacob. Foi, porém, Salomão quem lhe construiu uma casa. Mas o Altíssimo não habita em casas erguidas pela mão dos homens, como diz o profeta: «O Céu é o meu trono e a Terra estrado dos meus pés. Que Casa me haveis de construir – diz o Senhor – e qual será o lugar do meu repouso? Não foi a minha mão que fez todas as coisas?»

Homens de cerviz dura, incircuncisos de coração e de ouvidos! Opondes-vos sempre ao Espírito Santo. Como foram os vossos pais, assim sois vós! Qual foi o profeta que os vossos pais não perseguiram? Mataram os que predisseram a vinda do Justo, a quem traístes e assassinastes, vós, que recebestes a Lei pelo ministério dos anjos, mas não a guardastes!

Salmo 148 - Louvai a Deus, céus e terra

**Laudate, omnes gentes,
laudate Dominum!**

Louvai ao Senhor no alto dos céus,
louvai-o na vastidão do firmamento.
Louvai-o, todos os seus anjos,
louvai-o, todos os seus mundos!

Louvai-o, sol e lua,
louvai-o, todos os astros luminosos.
Louvai-o, céus dos céus
e águas que estão acima dos céus!

Louvem todos o nome do Senhor,
porque às suas ordens todos foram criados.
Ele tudo fixou para sempre,
a todos deu uma lei que jamais passará!

Da terra, louvai o Senhor,
monstros marinhos e todos os abismos;
fogo e granizo, neve e neblina,
vento de tempestade que realiza a sua palavra;

montanhas e colinas,
árvores de fruto e todos os cedros;
feras e animais domésticos,
répteis e pássaros que voam;

reis e povos do mundo, príncipes e todos os juízes da terra,
jovens e donzelas, velhos e crianças,
louvem todos o nome do Senhor,
porque o seu nome é sublime!

A sua majestade está acima do céu e da terra
e exaltou a força do seu povo.
Louvem-no todos os seus fiéis,
os filhos de Israel, seu povo eleito!

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio, agora e sempre.
Sua vontade seja feita sobre a Terra,
sobre a Terra como no Céu!

Comentário

Estêvão era um grego originário de Corinto, e foi o primeiro a fazer a ruptura radical com o Judaísmo e, conseqüentemente, com o Templo e, por isso, o primeiro a sofrer o martírio. O seu célebre discurso ao Grande Conselho judaico (Act 7) pode resumir-se assim: Jesus é o Filho do Homem que vós, judeus, matastes. Esta radicalidade era característica dos cristãos helenistas, mais facilmente libertos das ataduras religiosas e culturais judaicas que vigoraram até muito mais tarde.

A morte de Estêvão não deixou de ter consequências, embora as notícias adiantadas por Lucas sejam contraditórias. Num lado (9, 31), ele afirma que, apesar disto e depois disto, "a Igreja gozava de uma grande paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria"; mas, noutra parte, afirma claramente que "naquele dia nasceu uma grande perseguição contra os cristãos" (8,1). A expressão de Lucas como que esconde a verdade-verdadinha: a perseguição estalou, sim, mas apenas contra os cristãos-helenistas. A chave de leitura dos reais acontecimentos dá-a o mesmo Lucas noutra passagem (11,19): essa perseguição foi dirigida "aos de Estêvão" ("Aqueles que foram dispersos pela tribulação que aconteceu por causa de Estêvão...").

Quem são, portanto, "os de Estêvão"? Não há dúvida que são os sete [diáconos] que, como ele, defendiam a ruptura (radical) do cristianismo com o judaísmo oficial e que, morto ele, tiveram de pirar, de atravessar a fronteira, parando apenas na Samaria, uma região (semi-) pagã.

Este acabou por ser um dos acontecimentos mais providenciais do cristianismo primitivo: porque, ao fugir, não se esconderam, antes anunciaram ali o Evangelho de Jesus. Ou seja, foi por causa da perseguição que se seguiu ao assassinio de Estêvão que, depois da de Jerusalém, surgiu uma segunda comunidade cristã, e logo fora do território judeu propriamente dito.

Este foi um grande acontecimento.

(da homilia na Serra do Pilar em 2002.05.05, 6º Domingo da Páscoa)

Oremos!

Tu, Senhor Jesus,
cujo alimento era cumprir a vontade do que te enviou
e levar a cabo a sua obra,
fortifica-nos também
e modela-nos à tua imagem,
a fim de que realizemos a tarefa que nos entregaste
e colaboremos assim no nascimento de uma terra nova.
Pedimos-to, na Unidade do Espírito Santo.

Ámen.